

# Espaço Aberto

Por Guilherme Conte

Ilustração: Milton Costa

## La donna è mobile

O jovem Antonio suava de nervoso naquela gravata-borboleta. Um olhar mais atento perceberia que ele até tremia, ainda que discretamente. Passava repetidas vezes o lenço na testa, mas não dava conta. As mulheres, desde o princípio, mexem muito com o imaginário masculino. Mas quem tem sangue italiano nas veias parece sentir isso de maneira mais incandescente.

Olhou o relógio mais uma vez; pouco passava das cinco. Sentiu que aquelas quase três horas custariam muito caro para passar. Lembrou do bilhete. Repassou na memória, talvez pela centésima vez, o magro conteúdo daquelas linhas. "Vou na festa sim. Nos vemos lá. Vou ficar feliz se você cumprir sua promessa. Um beijo, Maria".

A agonia já se esticava. Da despreziosa aula de matemática, cenário da passagem do bilhete-vaticínio, até aquela tarde de domingo, passara-se um bom tempo, que custou a ficar para trás. A noite de sexta foi em uma sinuca, regada a conhaque barato e a puxadas de angústia. O sábado, longo, imenso, passou aborrecido no quarto. Tomou o bonde até a cidade e foi ouvir uns chorões no Largo São Francisco. Doeu, aquela espera. Andou uma boa parte do caminho de volta pra casa. Andar o acalmava.

Quando sua mãe o chamou, já passava um pouco das sete. Iriam andando para a festa, todos muito arrumados. A pequena Luisa levava uma sopeira que seria a doação da família para o bingo. O bairro inteiro estaria lá. Ela estaria lá, e ficaria feliz se ele cumprisse a oferta. Suas mãos suavam. Penteava o cabelo várias e várias vezes.

Antonio repassava o plano da noite em sua cabeça. Após cumprimentar as famílias, se reuniria à gangue. Tomariam um negocinho, jogariam dardos, provariam uma *fogazza*, dariam uns tiros nas latas. Os olhos não paravam, procurando por ela. Até que a veria. Conversariam, comeriam algodão-doce, e ele cumpriria a promessa: iria levá-la para uma volta na roda-gigante.

Há meses ele suspirava pelos encantos de Maria. Seus cabelos negros, os olhos fundos, como aqueles das egípcias antigas. Ria mostrando pouco os dentes. Estava com as mãos constantemente juntas. Seu pai era dono de um armazém, na rua de trás de casa.

Na noite quente, nada o ajudava a acalmar seus ânimos. Andava nervosamente, distraído. Tropeçou duas vezes, o que foi objeto de uma bronca da mãe: "Vê se abre o olho, *empiastro!*" As mãos iam metidas nos bolsos do sufocante paletó de brim.

À esquina da igreja encontraram os Cattani. O velho, médico, tinha um robusto bigode. Era gordo e sempre se inclinava pra trás quando ria. Antonio, tenso, mal conseguia fazer o seu papel nas conversinhas de praxe dessas ocasiões. Seu pai olhou feio, mas a mãe perdoou com um aceno de cabeça.

Enquanto zanzava pela festa com os amigos, mal escutava o que lhe falavam. Olhava para os lados. Cadê ela? Todas as amigas estavam lá, mas de Maria, nada. Um fogo o consumia por dentro, mas ele resistia bravamente - ainda que fazendo um papel tragicômico. O lenço já estava uma vergonha, e suava, suava sem parar. E se penteava.

Pobre Antonio. Se achava que a ausência de Maria era a tragédia que se abateria sobre ele naquela festa de San Vito, enganava-se redondamente. E *que pena* - o que lhe aguardava era muito pior. Ele saberia dias depois, por meio de terceiros (sempre há os terceiros, muito prestativos), que aquele atlético rapaz era Roberto, o primo de Botucatu, antiga paixão de Maria que chegara de surpresa com os tios naquela tarde. Foi embora imediatamente, pra tomar um fogo. E a promessa ficou por isso mesmo.

